

AS AMBIGUIDADES ESTRATÉGICAS DA VIOLÊNCIA EXTREMISTA E DO CONFLITO IRREGULAR ASSIMÉTRICO DO SÉCULO XXI

General de Brigada Alvaro de Souza Pinheiro

O General de Brigada Alvaro, da Reserva, é especialista em Operações Especiais, Guerra Irregular e Combate ao Terrorismo, tendo publicado diversos artigos e trabalhos nessa área, tanto no Brasil, quanto no exterior. Consultor do Departamento de Educação e Cultura do Exército, Professor Emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, professor da Universidade Católica de Brasília. Analista não Residente e membro do Conselho Editorial da Joint Special Operations University (JSOU)/United States Special Operations Command (USSOCOM), MacDill Air Force Base, Tampa/FL. Membro Honorário da Associação de Comandos de Portugal, sendo assíduo colaborador de sua Revista “Mama Sumé”.



dos EUA divulgou, em fevereiro daquele ano, o seu 2010 Quadrennial Defense Review (QDR), provocou um debate muito bem fundamentado a respeito do desafio de segurança prioritário enfrentado por aquela Nação, naquele momento e no futuro imediato:

“O continuado predomínio das forças armadas da América em larga escala, no contexto de um combate força a força, desencadeia uma poderosa motivação nos seus adversários para o emprego de métodos focados na minimização de seu potencial. Tanto atores não estatais, empregando tecnologias altamente avançadas, quanto estados nacionais utilizando tecnologias não convencionais, adversários correntes dos EUA, demonstraram que são capazes de conceber suas estratégias e empregá-las das mais sofisticadas formas.”

Assim, o QDR afastou-se de sua prévia “Longa Guerra”(Long War) estratégica (também conhecida como “Guerra Global contra o Terror”

Como Karl von Clausewitz registrou, é da maior relevância entender a natureza da guerra antes de nela se engajar. Entretanto, nem sempre isto ocorre. Quando o Departamento de Defesa



– Global War on Terror), em proveito da obtenção de maior flexibilidade. Reconheceu a significativa complexidade da guerra atual; a multiplicidade heterogênea dos diferentes atores envolvidos; e a tendência resultante da integração entre as tradicionais formas de conflito. Reconheceu, principalmente, que os adversários dos dias atuais podem se engajar em táticas, técnicas e procedimentos (TTP) típicos da Guerra Irregular (também identificada como Guerra Híbrida), que demandam preparação específica para a neutralização de um largo espectro de conflitos potenciais.

Os adversários irregulares, incluindo entidades patrocinadas por estados nacionais, atores individuais independentes, com acesso à tecnologias de ponta, e organizações terroristas cerradamente conectadas ao crime organizado transnacional, estão capacitados a empregar o terror, seja como uma violência extremista tática, um instrumento operacional, ou uma forma de projeção de poder estratégico. Não raro, além de suas cerradas conexões criminosas, utilizam organizações internacionais humanitárias para a obtenção de fundos.

Na atualidade, Forças Irregulares caracterizadas pelos seus fins, como hostis ao mundo civilizado, empregam diversificadas tecnologias do Sec XXI, para prover segurança, desenvolver planejamentos operacionais, operacionalizar ensinamentos colhidos, e estabelecer “santuários” (áreas de homizio de proporções capazes de lhes prover esconderijos para pessoal e material). Frequentemente, atuam

como se fossem estados nacionais com objetivos de política exterior perfeitamente definidos, ao mesmo tempo em que desdobram, em diferentes ambientes operacionais, capacitações terroristas, milícias para-militares, humanitárias e assistenciais, políticas, criminosas e, até mesmo, militares convencionais.

Este trabalho pretende demonstrar a significativa evolução das Forças Irregulares, dos mais diversificados matizes, que materializam a mais complexa, insidiosa e perigosa das ameaças à paz e à segurança internacionais, no Sec XXI – o Conflito Irregular Assimétrico – tendo como seu instrumento básico de projeção de poder, a violência extremista, caracterizada pelo Terrorismo Transnacional Contemporâneo. Conclui, apresentando a concepção das “Operações no Amplo Espectro”, que está sendo adotada, no mundo ocidental, como a mais eficaz das ações estratégicas para fazer face aos complexos desafios em presença.

A EXPERIÊNCIA ISRAELENSE

Não obstante a intensiva experiência militar dos EUA e de seus aliados da OTAN nos Teatros do Afeganistão e do Iraque, o mais completo e arriscado modelo de combate às Forças Irregulares (até porque envolve a sobrevivência do Estado de Israel, como ator protagonista, soberano, independente e capaz de manter a integridade de seu patrimônio nacional), num dramático cenário de Conflito Irregular Assimétrico, tem sido intensamente vivenciado pelas Israel Defense Forces (IDF).

As experiências das IDF, durante a 2ª Guerra do Líbano (2006) oferecem, de forma inequívoca, significativos exemplos de prevenção e combate a Forças Irregulares altamente capacitadas. Estas forças, integrantes do Movimento Hezbollah, estavam baseadas no Líbano, e operavam, simultânea e ambigualmente, como organização terrorista patrocinada pelo Regime dos Aiatolás do Irã, como partido político, como organização humanitária e como força militar convencional (dotada de significativo poder relativo de combate).

Devidamente apoiado por Forças Especiais de origem iraniana e síria, o Hezbollah operava empregando novas tecnologias como multiplicadores de forças, incluindo artilharia de saturação por foguetes, de curto e médio alcance (empregada prioritariamente contra alvos civis não combatentes); aeronaves remotamente pilotadas (ARP); dispositivos explosivos improvisados de grande poder de destruição; carros de combate (proteção blindada e ação de choque) russos; e mísseis anticarro e anti aéreos dotados de sistemas de pontaria de última geração.

Este Conflito Irregular Assimétrico, de 34 dias de combate, obrigou as IDF a engajarem-se numa luta que foi além de uma mera confrontação entre forças convencionais estatais

e grupos armados irregulares. Incluiu uma gama de atividades, simultaneamente desenvolvidas, focadas na neutralização das mais variadas formas de violência extremista: manobras convencionais; TTP de guerra irregular (inclusive com a intensiva presença de Forças Especiais – capacitadas ao planejamento e à execução de ações diretas e indiretas); operações de informação (Information Warfare) e operações psicológicas; e, sobretudo, neutralização de atos terroristas e de caráter criminoso. Embora o foco das ações fosse o Hezbollah, no território libanês, as operações também se estenderam à Faixa de Gaza, contra o Hamas.

Sob a perspectiva de ensinamentos colhidos sobre a preparação de uma força terrestre, analistas israelenses levantam, com base nesta experiência no Líbano e na Faixa de Gaza, três relevantes aspectos. O primeiro é a impositiva necessidade do pleno entendimento da natureza das forças irregulares adversárias. As IDF verificaram que organizações como o Hezbollah e o Hamas, que combinam atividades criminosas (narcotráfico do ópio e da heroína) e terroristas, juntamente com interesses políticos e religiosos, buscam a vitória, literalmente, “desaparecendo” no seio da população local. Esta estratégia tem limitações



inerentes ao “Terreno Humano” que possibilitam a sua exploração. A necessidade de suas células esconderem-se na massa popular, torna os civis não combatentes extremamente vulneráveis a uma retaliação em força. Simultaneamente, evidencia-se a necessidade de proteger-se essa população, ao máximo possível, das vinganças da guerra, assegurando-se de que tal comunidade entenda a verdadeira face do problema.

E este era o paradoxo estratégico do Hezbollah: trazer as IDF para o combate aberto, atitude que colocava em risco o apoio da população, que permanecia sendo o fundamento básico de sua legitimidade. Não explorando esta vulnerabilidade, as IDF possibilitaram que a mídia internacional propagasse, com notoriedade, a postura desassombrada do Hezbollah em manter-se pronto para o combate, em face do poderoso aparato militar israelense, enquanto que, localmente, mantinha-se em condições de “conquistar os corações e mentes” da população, por meio da distribuição de assistência humanitária, consolidando, assim, de forma insofismável, a vitória pela informação.

Ao término do conflito, por ocasião de uma rigorosa Análise pós Ação (APA) envolvendo os seus mais altos escalões em presença, as IDF assumiram o seu despreparo para fazer face a esse específico conflito. Ficou perfeitamente evidenciado que o poder militar aplicado isoladamente foi insuficiente para gerenciar aquele complexo ambiente operacional, cuja controvertida situação geopolítica veio à tona naquele verão de 2006. A manobra efetuada pelas IDF, caracterizada por uma agressiva aproximação, forte em carros de combate, não capitalizou as contradições inerentes à natureza irregular do Hezbollah (organização terrorista com capacitação militar convencional, mascarada como um agente governamental humanitário). E nesse complexo contexto, as IDF perderam o privilégio da “narrativa” (fazer valer a sua versão dos fatos), tanto em casa quanto no exterior. Um insucesso que nos conflitos do Oriente Médio tem graves repercussões, sobretudo, para o Estado de Israel.

Mais tarde, durante a “Gaza Operation”, de dezembro de 2008 a janeiro de 2009, na Faixa de Gaza (Gaza Strip), as IDF aproveitaram de



forma muito bem sucedida todas as contradições existentes dentro do Hamas, alcançando seu objetivo estratégico de modo extremamente positivo, com grande repercussão, tanto local quanto no exterior. Nesta oportunidade, as operações das IDF contra o Hamas constituíram-se num direito e numa obrigação, sobretudo, porque tornava-se imperativo interromper os incessantes ataques de morteiros e foguetes, bem como neutralizar os atos de terrorismo, todos tendo como alvo as comunidades civis não combatentes.

Tais operações foram caracterizadas por ataques aéreos de precisão cirúrgica, e por uma combinação muito bem sucedida de manobra terrestre e Operações Especiais, sincronizadas com uma muito bem planejada assistência humanitária executada com a população palestina. Especial atenção foi dada às medidas de defesa do território nacional, tudo reforçado por uma intensiva campanha de informação. As IDF aplicaram de modo altamente bem sucedido, todos os ensinamentos colhidos na campanha de 2006, no Sul do Líbano.

Todo este relato pode ser considerado como de grande utilidade, tanto para os teóricos e acadêmicos, quanto para os estrategistas; mas será um equívoco muito grave considerar que situações dessa natureza podem ser resolvidas com “fórmulas de bolo”. Sem dúvida alguma, as IDF aprenderam e aproveitaram as experiências de 2006; mas as forças irregulares adversárias também o fizeram, tendo em mente o próximo

confronto. Na verdade, as lideranças envolvidas devem estar permanentemente abertas a soluções ímpares, adaptáveis, e inéditas, procurando sempre, antes de aplicá-las em operações reais, executá-las em criteriosos e realísticos exercícios de adestramento.

Tudo isso conduz ao segundo relevante aspecto. Trata-se do fato de que a preparação para fazer face a contingências irregulares assimétricas deve adestrar os líderes e seus estados-maiores a “como pensar”, e não, “o que pensar”. Imediatamente antes da Campanha de 2006, as IDF estavam empenhadas numa Operação de Contrainsurreição (Counterinsurgency – COIN), incluindo uma ocupação de 18 anos no Sul do Líbano. Durante este tempo, a rotina ali vivenciada fez as IDF perderem muito de sua proficiência em operações conjuntas do tipo daquelas que conduziram com pleno sucesso as Guerras do Yom Kippur e dos Seis Dias. Realmente, as IDF não estavam preparadas para o novo cenário emergente que demandou a incursão ao Sul do Líbano, em 2006.

Dessa forma, confirma-se que o longo engajamento de COIN não preparou as IDF para aquela complexa incursão ao Líbano, o que fundamenta uma certeza no meio daqueles profissionais que operam ao nível estratégico e estratégico-operacional das IDF, que nem mesmo uma atividade operacional real de campanha, não substitui o adestramento para fazer face a novos cenários. O grande ensinamento é que mesmo com um intenso engajamento operacional, há que se privilegiar o desenvolvimento de oportunidades para exercitar o “pensar através” (“thinking through”) de cenários hipotéticos, porém, realistas, a respeito do que um potencial inimigo irregular poderá conceber e executar.

O terceiro relevante aspecto é referente à imprescindível interoperabilidade entre as Forças

de Emprego Geral (FEMPGe) convencionais e as Forças de Operações Especiais (FOpEsp). Um procedimento rotineiro de comando e controle, em Israel, é que quando uma unidade de OpEsp está operando já há um longo período num determinado setor, uma unidade convencional ao ser desdobrada naquele setor, passa ao Controle Operacional (CtOp) da unidade OpEsp, independentemente das posições hierárquicas

entre seus Comandantes. Tal procedimento se deve à valorização que se dá a determinados fatores especiais, quando se está operando num campo de batalha não linear ou assimétrico (típico nos conflitos dessa natureza). Entre esses fatores, destacam-se o domínio de conhecimento sobre o “terreno humano” e sobre as TTP e as lideranças das forças irregulares em presença naquela área. Inclusive, faz parte do adestramento dos Cmt

OpEsp estarem preparados para atribuírem missões aos Cmt unidades convencionais, em situações dessa natureza.

Este terceiro relevante aspecto é visto com grandes reservas em algumas forças terrestres, particularmente, dos EUA e de seus aliados da OTAN. O que se afirma é que o Exército de Israel, apesar de altamente proficiente, é pequeno e que os ambientes operacionais onde sua Força Terrestre se desdobra, são plenos de especificidades que não são comuns em outros ambientes.

De qualquer forma, na medida em que as Forças Irregulares evoluem em suas TTP, fica cada vez mais claro, inclusive para os profissionais de segurança e defesa dos EUA e da OTAN, que surgem cada vez mais situações em que os escalões de comando OpEsp, em função de suas complexas expertises, estarão “in charge”, tendo sob seu CtOp, FEMPGe que os estarão apoiando. Uma mudança radical que passou a ser rotineiramente observada não apenas nos TO do Afeganistão e do Iraque, mas, também, nos Balcãs, na Colômbia

**“O continuado
predomínio das forças
armadas da América
em larga escala,
no contexto de um
combate força a força,
desencadeia uma
poderosa motivação nos
seus adversários para
o emprego de métodos
focados na minimização
de seu potencial...”**

e nas Filipinas (dentre outros), todos, ambientes operacionais em que os escalões OpEsp não mais atuam apoiando (como era rotineiro na época da Guerra Fria), mas, sim, estão sendo apoiados. Os aspectos negativos referentes às posições hierárquicas dos respectivos Comandantes podem ser resolvidos com a devida antecedência, sem quaisquer traumas disciplinares.

A grande conclusão da experiência israelense é que o Conflito Irregular Assimétrico, com todas as suas ambiguidades e diversificados matizes, continuará por longo tempo a ser o tema central da defesa de sua soberania e da integridade de seu patrimônio nacional. Nesse contexto, naquele País, verifica-se, particularmente em sua Força Terrestre, um programa permanente e muito bem conduzido, cujo conteúdo inclui: uma rigorosa análise de risco das ameaças; aplicação de ensinamentos colhidos em diferentes campanhas passadas; jogos de guerra com novas aproximações, referentes às possibilidades e linhas de ação dos diferentes inimigos irregulares; e a consequente introdução de novos programas de adestramento da tropa.

Os profissionais de segurança e defesa

ocupantes das mais elevadas posições no processo decisório israelense, entendem que tornar rotineiras e institucionais as constantes mudanças nos processos de preparo das forças e de seus comandos é o procedimento fundamental para que as IDF estejam permanentemente preparadas para fazer face aos diferentes Conflitos Irregulares Assimétricos e, em particular, às materializações das violências extremistas.

OS DESAFIOS DO AMBIENTE OPERACIONAL NÃO LINEAR OU ASSIMÉTRICO

Experiências como a israelense e aquelas obtidas nos Teatros do Afeganistão e do Iraque, dentre outras, estão demonstrando ao mundo, a significativa transformação nas crises e conflitos armados, desencadeados em todos os continentes. O chamado Conflito Irregular Assimétrico traz consigo alguns conceitos absolutamente decisivos. Um deles é que a coordenação, controle e sincronização dos eventos serão muito mais humanos e biológicos do que organizacionais e tecnológicos. O novo ambiente operacional (campo de batalha), não linear ou assimétrico, delineado de forma a conter as áreas de interesse e de influência





do escalão considerado, modifica completamente os conceitos adotados no tradicional campo linear ou simétrico.

A presença marcante de Forças Irregulares de diferentes matizes e motivações, aliadas e/ou hostis vai exigir, de forma imprescindível, a atuação das Forças de Operações Especiais (FOpEsp), particularmente, dos Destacamentos Operacionais de Forças Especiais (DOFEsp), especializados em Guerra Irregular e no estabelecimento de Comandos de Área, enquadrantes das Forças Irregulares aliadas (organizando e conduzindo as forças de guerrilha - braço armado ostensivo; as forças de sustentação - braço clandestino, com encargos logísticos; e, sobretudo, as forças subterrâneas – braço clandestino responsável pela inteligência e contra-inteligência). Estes DOFEsp estão capacitados a conduzir, simultaneamente, ações diretas (ações cinéticas de combate por eles conduzidas) e ações indiretas (em que as múltiplas tarefas executadas pelos DOFEsp não envolvem ações de combate).

As FEmpGe convencionais deverão ser submetidas, anteriormente ao seu desdobramento num ambiente operacional não linear ou assimétrico, a um adestramento específico, a fim de estarem em condições de operar conjuntamente com as forças irregulares aliadas, assim como,

combater as hostis. O foco de tal adestramento são as operações de caráter não convencional.

A comunidade profissional militar, em todos os continentes, curvou-se à dimensão psicossocial da Guerra Irregular, quando determinou como mais um fator da decisão, as Considerações Cívicas, as quais ressaltam de tal forma o Terreno Humano, que este, não raro, predomina inexoravelmente sobre a dimensão topotática do fator Terreno. O planejamento e a execução centralizados deram vez a um planejamento centralizado e a uma execução altamente descentralizada; e, nesse contexto, as pequenas frações, ganham dimensões verdadeiramente estratégicas. O conhecimento cultural e a habilidade de estabelecer laços de comunicação com os habitantes locais serão fatores de proteção da tropa, muito mais efetivos do que os coletes à prova de balas.

O tempo será um fator de decisão visto de forma totalmente diferenciada entre as forças em confronto. Os irregulares controlarão o tempo tendo como objetivo estratégico – “vencer”, como consequência de “não perder”. O gerenciamento do tempo será um diferencial de grande relevância, na medida em que a paciência, em ambientes não lineares ou assimétricos, se faz um atributo da maior relevância.

As confrontações armadas continuarão

ocorrendo, embora com algumas especificidades capitais. O futuro combate será tático, isolado, preciso, inesperado, e frequentemente brutal (com relação ao número de baixas). Grande relevância para as Operações Militares em Terreno Urbano. O chamado Centro de Gravidade clausewitziano, o *schwerpunkt* tático, o tão almejado ponto de decisão, será difícil de identificar; e, sobretudo, de prever. Comandantes em todos os níveis deverão buscar, de modo permanente, a manutenção da iniciativa das ações. Estes mesmos comandantes deverão estar em condições de num determinado momento, lançar uma patrulha de combate numa ação de captura ou eliminação de uma liderança irregular; para no momento seguinte, lançar uma outra patrulha numa missão de proteção a uma missão de assistência humanitária; e ainda, num momento seguinte, lançar uma patrulha de reconhecimento para verificar a existência de uma fração regular inimiga operando num ponto sensível da área de operações. Liderança, flexibilidade e estabilidade emocional, tornam-se atributos indispensáveis aos comandantes em todos os escalões. Há que se ter em mente que a ameaça irregular assimétrica não se limita a atores não estatais. Estados nacionais podem operar com as suas unidades convencionais, e também, fazê-las operar, integrando as formações irregulares.

A atividade de Inteligência tem uma importância decisiva, na medida em que os irregulares hostis tentarão “desaparecer” no seio das comunidades não combatentes em presença, sejam elas urbanas ou rurais. Isolá-los dessas comunidades é parte relevante do processo, de modo a neutralizá-los, sem a mínima possibilidade de efeitos colaterais sobre a população. Cada Soldado deve estar instruído a agir como um agente de Inteligência, sobretudo, quando em contato com a população. Paralelamente à Inteligência estão as Operações Psicológicas, uma vez que a tão decantada “conquista dos corações e mentes” é absolutamente primordial num conflito irregular assimétrico.

OS DESAFIOS DA VIOLÊNCIA EXTREMISTA

Os dramáticos episódios de 11 de setembro de 2001, em Washington, D.C., New York City e Pennsylvania, além de atos de guerra contra os EUA e seus aliados, constituíram-se em

sangrentas agressões contra o mundo civilizado, nunca dantes vivenciadas. Um verdadeiro divisor de águas da Ordem Mundial, despertando todas as nações para um inimigo comum, cuja forma de prevenção e combate demanda uma perspectiva de segurança e defesa absolutamente inédita, complexa e tremendamente dependente de uma visão holística e multinacional, onde destaca-se, cada vez mais relevante, o Apoio de Inteligência.

O conceito de violência extremista atual e consensualmente aceito em todo o mundo é de crenças e ações de indivíduos ou grupos que empregam a violência extremista para a consecução de objetivos de natureza política, ideológica, social, étnica ou religiosa. Inclui a insurreição, a subversão, o terrorismo e outros matizes de violência comum. Todas as formas de violência extremista, não importa quais as suas motivações, buscam as mudanças por meio da imposição do medo e da intimidação, em substituição aos processos democráticos construtivos.

Portanto, o inimigo não é um indivíduo, nem um regime político único. Certamente, também não é uma religião. O inimigo é o terrorismo, hoje, capacitado a operar transnacionalmente, de forma premeditada, perpetrando uma violência de alta intensidade contra alvos não combatentes. Aqueles que o executam acreditam que a matança indiscriminada, o sequestro, a extorsão, o roubo, e outras formas de violência extremista para aterrorizar as sociedades, são formas legítimas de ação política/ideológica/religiosa/étnica, etc.

Nesse contexto, na atualidade, frequentemente, torna-se difícil distinguir os atos terroristas politicamente motivados daqueles atos de violência desenvolvidos por criminosos ou indivíduos à margem das sociedades; cujos atos produzem problemas de segurança da maior gravidade para as comunidades em geral, não obstante não terem intenção política. E na sua neutralização, exigem, por parte dos profissionais de segurança, as mesmas TTP repressivas.

Não é por mera coincidência que o Conselho de Segurança das Nações Unidas lançou a Resolução 1373 (logo após o 9/11/2001) na qual aquele Conselho... *“Notes with great concern the close connection between international terrorism and transnational organized crime, illicit drugs,*

money-laundering, illegal arms-trafficking, and illegal movement of nuclear, chemical, biological and other potentially deadly materials...”

Segundo o United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC), para cerca de 30 países, uma ligação entre conflitos armados e a produção de drogas ilícitas pode ser estabelecida com razoável certeza. De acordo com as estimativas daquele órgão, em função do término da Guerra Fria, o terrorismo sustentado por estados nacionais minimizou-se, e as organizações terroristas passaram a buscar fontes alternativas de financiamento. Isto resultou que, hoje, existem cerca de 100 países envolvidos, de alguma forma, com o narcotráfico, tanto em termos de cultivo, quanto de processamento, tráfico, distribuição, ou lavagem de dinheiro de produtos ilegais.

Trata-se de um novo flagelo para o mundo civilizado, identificado como NARCOTERRORISMO. Os exemplos estão claros, nos cinco continentes: a Al Qaeda, o Hezbollah e o Hamas com o narcotráfico de ópio e heroína; a Frente Separatista Chechena com a máfia russa; e sobretudo, a conexão das FARC, o maior cartel de cocaína refinada do mundo, na atualidade, com diversificadas organizações do crime organizado em todos os continentes; sobretudo, na América Latina, incluindo, de forma relevante, as conexões com notórias organizações criminosas do Brasil.

No nosso País, hoje, a participação protagonista (e não mais coadjuvante) das Forças Armadas, principalmente do Exército Brasileiro, na sempre muito bem sucedida pacificação de favelas completamente dominadas pelo narcotráfico, demonstra, inequivocamente, que este problema deixou de ser de Segurança e Ordem Pública e passou a ser de Segurança Nacional.

Na atualidade, em conformidade com uma perspectiva multinacional existente no mundo, é possível identificar-se uma série de similitudes nas ações estratégicas levadas em consideração por inúmeros países, visando a prevenção e o combate eficazes contra a violência extremista. O ponto de partida para as medidas se tornarem efetivamente eficazes é que cada rede terrorista seja analisada pelos seus elementos críticos de operações e sobrevivência. São eles: Liderança, Áreas de Homizio; Apoio Financeiro; Comunicações; Mobilidade Tática e Estratégica;

Inteligência e Contra-Inteligência; Armamento, Munições e Explosivos; Recursos Humanos; e Ideologia.

A partir dessa análise, a estratégia nacional deve contemplar, prioritariamente, a criação de um sistema de proteção e defesa das infraestruturas críticas do patrimônio nacional (dentro e fora do território); expandir o intercâmbio de Inteligência, com agências internacionais selecionadas, de modo a fortalecer a capacidade de prevenir ações terroristas no território nacional (possibilitando o contraterror proativo); e incrementar o intercâmbio de informações entre os órgãos de segurança nacional e de segurança pública.

Sobretudo, é um dever não apenas das autoridades competentes, mas de toda a sociedade, terem em mente que, na atualidade, o desencadeamento da violência extremista não depende de movimentos revolucionários operando ou da existência de crises ou de conflitos armados. A violência extremista, hoje, aparece, onde menos se espera, independentemente de qualquer indício de ruptura de uma situação de paz. Por isso tudo, há que se ter sempre em mente que não existe mais lugar seguro no mundo! E as experiências recentes têm demonstrado que a adoção desta filosofia é o primeiro passo para a prevenção e combate efetivamente eficazes contra a violência extremista de qualquer natureza. Sobretudo, para o Brasil, levando em consideração os grandes eventos internacionais a serem desenvolvidos no território nacional, a curto, médio e longo prazos, cuja segurança está sob exclusiva responsabilidade da competência das autoridades brasileiras de segurança e defesa.

AS OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO

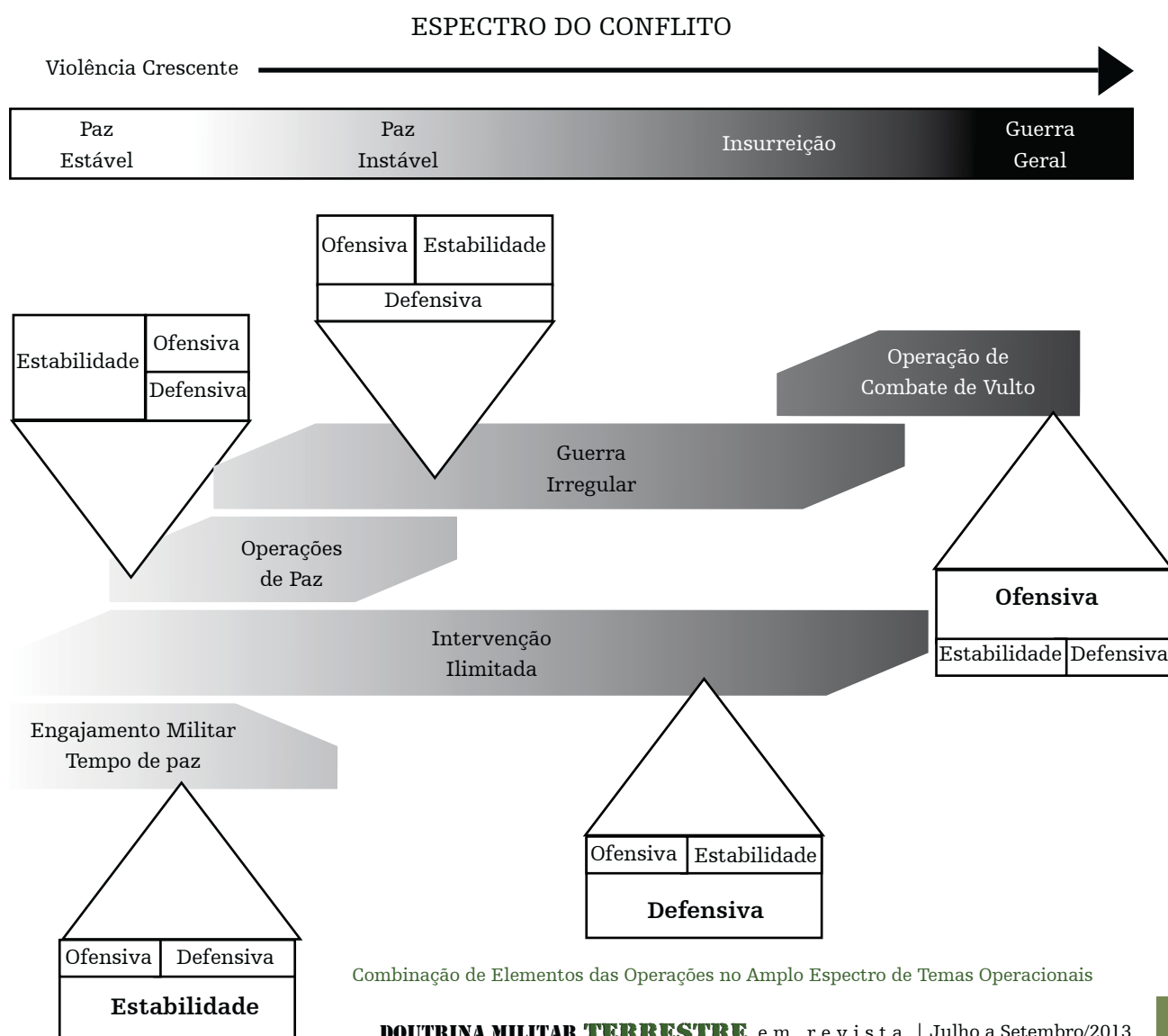
Uma vez colocado o problema, há que se verificar uma forma de não apenas equacioná-lo, mas, sobretudo, de resolvê-lo. E, hoje, forças de segurança e defesa de diferentes partes do mundo chegaram a uma solução conclusiva para fazer face aos conflitos irregulares assimétricos de qualquer intensidade, mantendo as suas capacitações básicas para um contexto amplo e abrangente de defesa da pátria. Tendo como modelo a experiência israelense, e a funcionalidade da estruturação efetuada nos EUA e nos países da OTAN, com base nas experiências nos Balcãs, Iraque e Afeganistão,

chegou-se ao que está sendo identificado, na atualidade, como Operações no Amplo Espectro – Full Spectrum Operations.

A concepção é castrensemente simples e não demanda grandes reflexões para a sua aplicação. O que se pretende é que Forças Terrestres adestrem-se, combinando operações ofensivas, defensivas e de estabilidade/de apoio civil, simultaneamente, como parte integrante de uma força conjunta interdependente capaz de conquistar, manter e explorar a iniciativa, aceitando, de forma prudente, riscos, de modo a atingir resultados decisivos. Estas forças farão o emprego sincronizado das ações – letais e não letais – proporcionais ao cumprimento da missão e planejadas de acordo com um criterioso entendimento de todas as variáveis do ambiente operacional em presença. O Comando de

Missão, dotado de uma competente Intenção do Comandante e de uma adequada apreciação de todos os aspectos da situação vigente, vai orientar o emprego altamente adaptável da Força Terrestre em presença.

No futuro, a presença de conflitos armados em diferentes partes do mundo continuará sendo marcante. Desde já, os ambientes operacionais estão sendo formatados por fatores múltiplos. Estes incluem tecnologia da informação, tecnologia do transporte, aceleração da comunidade econômica global e o surgimento de uma sociedade conectada em redes. A natureza internacional dos esforços acadêmicos e comerciais também terá dramáticos efeitos. A complexidade dos ambientes operacionais de hoje garante que as futuras operações ocorrerão através de todo o espectro de conflitos (vide figura abaixo).



No contexto dessa concepção, um ambiente operacional é a composição de condições, circunstâncias e influências que afetam o desdobramento de forças militares e orientam as decisões do Comandante. Os ambientes operacionais do futuro permanecerão arenas nas quais o “pagamento com sangue” é o resultado imediato de hostilidades entre antagonistas. Objetivos operacionais serão atingidos ou não, não apenas pelo uso da força letal, mas também pela resposta de quão rápido um estado de estabilidade pode ser instalado e mantido. Os ambientes operacionais permanecerão imundos, ameaçadores, e causadores de grande desgaste físico e emocional. A morte e a destruição resultantes das condições ambientais, bem como do próprio conflito, resultarão no surgimento de crises humanitárias.

Devido ao alto grau de letalidade e do longo alcance dos avançados sistemas de armas, a tendência dos adversários será buscar operar no meio da população, e o perigo a que combatentes e não combatentes vão estar expostos será muito maior do que em conflitos passados. Atores estatais e não estatais vão utilizar todo o seu acervo de opções, incluindo os de caráter político,

econômico, psicossocial e informacional. Isto se aplica a todos os adversários, independentemente de suas capacitações militar e científico - tecnológica. Com exceção das cibernéticas, todas as operações tenderão a serem executadas na presença de comunidades civis não combatentes, o que se constitui num dos mais graves problemas a ser equacionado e resolvido. Até porque, em conflitos dessa natureza, os resultados finais serão avaliados em termos de efeitos nos diferentes públicos-alvo em presença.

Os ambientes operacionais permanecerão extremamente fluídos. Coalizões, alianças, parcerias e atores protagonistas mudarão continuamente. Operações multidisciplinares interagências serão altamente solicitadas para gerenciar situações com esta variedade de atores. A presença da mídia será cada vez mais relevante, em virtude de sua atual postura de independência em relação aos seus estados. A visão por ela noticiada dos eventos terá uma imensa influência sobre os diferentes públicos-alvo. Sem dúvida alguma, os ambientes operacionais do futuro serão tremendamente interconectados, dinâmicos e extremamente voláteis. Padrões altamente diferenciados de liderança, em todos os níveis,



deverão tornar-se uma necessidade impositiva.

Todo esse cenário sobre os futuros ambientes operacionais demonstra a importância e, sobretudo, fundamenta esta nova concepção de adestramento. As boas novas com relação a este tema, é que esta modernidade de ponta já chegou à nossa Força Terrestre. Coroando o seu PAA no ano de 2012, o Comando da 2ª DE, desdobrou suas duas Brigadas subordinadas, a 11ª Bda Inf L (GLO) e a 12ª Bda Inf L (Amv), num Exercício de Campanha – “Operação AGULHAS NEGRAS”- dentro de um cenário específico de Operações no Amplo Espectro, inclusive com ambientes operacionais não lineares ou assimétricos delineados. O mesmo

ocorreu na Bda Inf Pqdt, que aproveitando a experiência da 2ª DE (por ter participado da “Agulhas Negras”), também encerrou seu Ano de Instrução com uma “Operação SACI” que teve também como tema uma Operação no Amplo Espectro (Resgate e Evacuação de Civis não Combatentes). Desde uma criteriosa concepção até uma performance de execução excepcional, ambas estas iniciativas operacionais inéditas, ímpares, e de alto nível técnico-profissional, foram coroadas de pleno êxito. E o mais importante, colocaram a nossa valorosa Força Terrestre dentre aquelas que estão integrando esse seleto clube internacional de competência profissional militar de ponta.

REFERÊNCIAS

1. Peters, Ralph, *“Lessons from Lebanon: The New Model Terrorist Army”*, *Armed Forces Journal International* (October 2006).
2. Fleiser, William, *Director of Plans, Policy and Integration in the U.S. Special Operations Command/Joint Forces Command*, *“Preparing for Hybrid Threats: Improving Force Preparation for Irregular Warfare”*, *Special Warfare*, May-June 2010.
3. Harik, Judith Palmer, *“Transnational Actors in Contemporary Conflicts: Hizbullah and its 2006 War with Israel”*, Cambridge, Harvard University Press, March 2007.
4. Hoffman, Frank, *“Hybrid Warfare and Challenges”*, *Joint Forces Quarterly*, 1st Quarter 2009.
5. The State of Israel, *“The Operation in Gaza, 27 Dec 2008 – 18 Jan 2009, Factual and Legal Aspects”*, July 2009.
6. Center of a New American Security, *“Beyond Bullets: Strategies for Countering Violent Extremism”*, Edited by Alice Hunt, Kristin M. Lord, John A. Nagl, Seth D. Rosen, June 2012.
7. FM 7-0, *TRAINING FOR FULL SPECTRUM OPERATIONS*, Headquarters, Department of the Army, December 2008.

Foto: Arquivo CCOMSEx